

Imagens de um Rio que não se perde*

Isabel Lustosa

QUEM CHEGA DE VIAGEM, VINDO PELA AVENIDA BRASIL no sentido da zona sul, depois de atravessar o elevador da Praça XV, desembarca no Aterro e logo a vê a igreja branca. Outeiro da Glória: delicado como uma capelinha de cidade de interior, emoldurado pelas palmeiras imperiais que, de longe, nos acenam, imagem que aquece o coração do viajante como a primeira saudação da cidade amada. Sua beleza singela compete em desvantagem com a paisagem grandiosa de cartão postal do Pão de Açúcar e da Baía de Guanabara. Mas seu apelo tem algo de mais especial: é para os iniciados nos segredos do Rio...

Também é coisa de iniciado o conhecimento de toda aquela região de casario e prédios antigos que circundam a igreja. Casario que faz dos bairros da Glória e do Catete seqüências da Lapa e do centro velho do Rio que sobreviveu ao *bota-abaixo* promovido no começo do século pelo Prefeito Pereira Passos. São os vestígios de um Rio de Janeiro que desapareceu. Um Rio de Janeiro que, de vez em quando, a gente entrevê nas páginas de Machado ou de Lima Barreto. Um Rio de casas assobradadas, de corredores compridas, chão de tábua corrida, com suas janelas de duas folhas e seus florões, arte meio rústica dos mestres de obra portugueses... É uma paisagem urbana que as pessoas olham todos os dias sem se aperceber mas que representa aquele aspecto da história da cidade no que ela tem de mais íntimo, mais familiar. O cotidiano das famílias de classe média que, no Rio de Janeiro bem menos violento dos tempos d'antanho, punham suas cadeiras nas calçadas para ver o bonde passar. E das janelas

* Publicado em "Glória e Catete". Col. *Bairros do Rio*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Editora Fraiha, 1999.

abertas onde, outrora, se postavam mocinhas namoradeiras. As procissões e os carnavais se sucedendo através dos anos, cruzando aquelas ruas tão nossas.

Muito desse clima se perdeu: Catete e Glória, já não são os mesmos do tempo dos presidentes e do tempo ainda mais longínquo do Imperador. Perderam muitas das suas características particulares. Mas ainda se avista seguindo pela Rua da Glória em direção à Bento Lisboa e antes de se passar defronte do prédio da histórica delegacia, o casario da rua Barão de Guaratiba com suas paredes amarelas e portas vermelhas, casas emparelhadas, de interior sombrio e aluguel barato, felizmente esquecidas pela especulação imobiliária. E no Catete ainda se encontram vilas, como as de antigamente. Sumiram as pensões familiares das primeiras décadas deste século. Tantas, que se multiplicavam no entorno do palácio e seguiam na direção da Glória. Casas de cômodo de um certo nível em que se abrigavam famílias vindas do interior ou grupos de estudantes boêmios. Mas ficaram ainda alguns dos pequenos hotéis... E tem ali ainda aquele comércio tão característico do velho centro do Rio, comércio de balcões e prateleiras escuras, papel grosso para embrulhar a mercadoria, barbante descendo do teto e um indefectível dono português a escrevinhar a contabilidade da empresa.

São fragmentos de uma memória coletiva que livros como este realçam nas belas reproduções fotográficas que, chamando a atenção para os detalhes arquitetônicos, nos lembram que a Glória e o Catete já tiveram seus grandes dias. Viram, por exemplo, naquele fatídico 24 de agosto de 1954, a cidade passar debaixo de suas janelas na direção do Palácio do Catete para dar adeus ao presidente suicidado Getúlio Vargas. Repetia a multidão o movimento de sucessivas levas de manifestantes que sempre preferiram, vivendo aqui o *Papai grande* (que é como o povo do começo do século chamava o presidente), recorrer diretamente a ele, deixando de lado o prefeito, nos problemas da cidade. Revoltas como a da Vacina que pôs em armas os meninos da Escola Militar ou da Chibata, liderada por João Cândido, o Almirante Negro, que apontado os canhões dos grandes navios na direção do Palácio do Catete assustou os moradores.

Tantas histórias... A posse e a saída dos presidentes sob os aplausos ou as vaias da multidão. A mudança de alguns para a vizinhança, como os paulistas Prudente de Moraes e Campos Sales, instalados na Pensão Bethoven, na Glória, antes de seguirem para São Paulo. Coisas que prestigiavam aquele canto da cidade, davam-lhe vida, movimento. A transferência da Presidência para Brasília, levando com ela as famílias dos que trabalhavam ou de alguma forma estavam ligados ao *staff* presidencial arruinou muita gente que vivia das beiradas do poder. Por essa curiosa ironia, que faz com que a arquitetura cubana, por exemplo, tenha o maior conjunto de prédios coloniais preservados em toda a América, o abandono e o esquecimento foram os responsáveis pela conservação do que ainda existe do Catete e da Glória. Poucados pela ausência da grana "que ergue e destroi coisas belas" estão ainda lá quase intactos os prédios da Beneficência Portuguesa; do Templo Positivista; do High Life, do Palácio de São Joaquim; o antigo Asilo de São Cornélio, onde hoje funciona uma faculdade de medicina e o Colégio Amaro Cavalcante, no Largo do Machado, produto do desprendimento de D. Pedro II, que em vez de estátua preferiu que se erguesse em sua homenagem uma escola. Coisas pelas quais a gente passa quase sem notar. É também papel deste livro, jogar luz sobre elas, lembrar que estão ali e que, se um dia não estiverem mais, farão muita falta.

De alguma forma o charme dessa arquitetura vem sendo recuperado pela gente do bom gosto. Artistas e restauradores vão fazendo de velhos casarões sofisticados ateliês. Morar nos bons e amplos apartamentos da Glória, daquele tipo que não se encontra mais, mirando a estátua do padroeiro da cidade, o pequeno muro que um dia já separou a Glória do mar, ou o relógio, tem seu charme, tem sua bossa... Quem sabe se tudo isto, aliado ao grande movimento cultural que se irradia hoje do museus da República, do Folclore e do Telefone, não recuperam para aquela freguesia um pouco de seu prestígio passado? Está certo que não vai dar para tirar dali o INCRA, ressuscitando em seguida os trepidantes bailes do High Life, cujas descrições feitas por testemunhas idôneas nos enchem de inexplicável nostalgia... mas um pouco do antigo *glamour* bem que podia voltar...

Manuel Bandeira lamentou na *Elegia inútil* as mudanças de nome das ruas do Rio: "Lágrimas, duas a duas/ choraram dentro de mim,/ Ao ver que o prefeito Alvim,/ mudou o nome a tantas ruas". Nomes de ruas, completa o poeta, que havia no Rio de antigamente: "Eram lindos! Assim: Rua Bela da Princesa (que distinção, que beleza! Nome que cheira a jardim)". A rua Bela da Princesa era a que hoje se chama Correia Dutra. Com todo respeito ao ilustre Correia Dutra, nome que meus conhecimentos de história ainda não me permitiram identificar, *mas Rua Bela da Princesa é bem mais bonito mesmo*. Bandeira também chama a atenção para o fato de que "Muito nome foi mudado,/ mas o novo não pegou;/ nunca ninguém falou/ senão Largo do Machado". E de fato, não colou a tentativa de mudar o nome tradicional do Largo do Machado para Praça Duque de Caxias. Bandeira abre um parêntese para incluir referência especial ao Largo:

(Este nome pode ser,
quando muito, acrescentado,
assim, Largo do Machado
de Assis gosto de dizer.

Na do Catete, contou-me Z.,
o mestre escreveu Brás Cubas,
Darás na casa se subas
pela rua de seu nome.)

Grande Catete, até esta glória te estava reservada: a de ser o berço de uma das maiores (senão a maior) obra de nossa literatura... quem sabe que outras artes, que outras criações não estarão agora inspirando as paredes velhas de teu casario...

Fonte da Saudade
11 de outubro de 1999